

**A música rap em Manaus: seguindo os rastros desta Hidra Urbana****Rap music in Manaus: following the tracks of this Urban Hydra**

DOI:10.34117/bjdv6n10-283

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 14/10/2020

**Sidney Barata de Aguiar**

Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Professor das redes públicas de educação do município de Manaus e do estado do Amazonas

E-mail: sidneybaratadeaguiar@gmail.com

**Michel Justamand**

Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br

**RESUMO**

O *hip hop* na cidade de Manaus apresenta-se como uma Hidra Urbana, por causa da sua capacidade de recriar seus conceitos, estéticas sonoras, corporais e visuais. Mas sempre mantendo sua coluna cervical que pode ser retratada pelos seus quatro elementos constituintes (*rap, dj, breakdance e grafitti*). Neste trabalho exporemos alguns apontamentos sobre a música rap na cidade de Manaus e como ao longo das últimas décadas, esta manifestação musical vem conquistando espaços nas periferias do Brasil e do mundo. Faremos um breve tour histórico e virtual pelo ritmo a partir do acesso e utilização da tecnologia dos leitores de barras bidimensional conhecidos como *QR Code* (*Quick Response Code*) ou Código de Resposta Rápida em língua portuguesa. Uma tentativa de facilitar o processo de ensino e aprendizagem no espaço escolar sobre as temáticas da História da cultura africana e afro-brasileira.

**Palavras-chave:** *Hip hop*, Música *rap*, Educação, Manaus.

**ABSTRACT**

*Hip hop* in the city of Manaus presents itself as an Urban Hydra, because of its ability to recreate its concepts, aesthetic sound, body and visual. But always keeping its cervical spine that can be portrayed by its four constituent elements (*rap, dj, breakdance and graffiti*). In this work we will expose some notes about rap music in the city of Manaus and how over the last decades this musical manifestation has been conquering spaces in the peripheries of Brazil and the world. We will take a brief historical and virtual tour of the rhythm from the access and use of the technology of two-dimensional bar readers known as *QR Code* (*Quick Response Code*). An attempt to facilitate the teaching and learning process in the school space on the themes of the History of African and Afro-Brazilian culture.

**Keywords:** *Hip hop*, *Rap* music, Education, Manaus.

**1 INTRODUÇÃO**

A promulgação da Lei 10.639/2003 e alterada pela Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, foi um marco fundamental nos processos históricos de lutas e conquistas do movimento negro organizado e das camadas da sociedade mais progressistas, principalmente no campo do debate da educação.

Com a referida legislação também fica instituído o dia nacional da Consciência Negra que relembra a data da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares.

Após este importante passo dado para o resgate histórico da cultura negra no Brasil, grande parte dos profissionais da educação precisou se preparar para ressaltar a contribuição de matrizes africanas na constituição e formação da sociedade brasileira.

Esta significativa demarcação, no primeiro momento, abriu mais lacunas do que construiu travessias ou pontes, pois, a falta de preparo dos educadores e educadoras para esta empreitada era perceptível. Essas dificuldades vêm desde as deficitárias formações nos bancos das universidades, cujos currículos não previam ou pior, negligenciavam a existência da obrigatoriedade destas temáticas, até a ausência das secretarias de educação, no seu papel de fomentadoras desta empreitada.

O material didático, que na sua maior parte não estava ou está adequado às novas exigências e realidades para uma abordagem deste conteúdo no espaço escolar vem ganhando fôlego. Houve um avanço lento, gradativo e considerável nestes campos, mas ainda há muito que ser perseguido.<sup>1</sup>

Entendemos que as fontes para o trabalho do historiador têm se ampliado, principalmente neste período em que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) foram solidificadas, a velocidade da informação quebra a barreira do som tamanha sua amplitude e o processo de globalização derrubando ou encurtando fronteiras está posta como realidade factível.

Os historiadores Ciro Flamarion e Ana Maria Mauad (1997) nos últimos anos do século XX, já apontavam para estas características:

De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 402).

---

<sup>1</sup> Apresentamos este endereço onde encontramos um material riquíssimo sobre a História da África (História Geral da África) criada e reeditada pela Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO), disponível para *download* gratuito. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br>.

Compreendemos que a pesquisa histórica contemporânea apresenta uma tendência que “está promovendo uma aproximação da história com outras disciplinas das ciências humanas, no sentido de desenvolver uma metodologia adequada aos novos tipos de textos” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 402).

Um destes tipos de textos é a música, neste estudo, especificamente, a música negra. Através desse desenvolvimento de inéditas práticas pedagógicas que tentam dar conta da música como manifestação cultural que desperta a atenção para letras, contexto e produção dela. Para Regina Oliveira (2012) “essa linguagem permite aproximações com as realidades vivenciadas pelos alunos e suas famílias, podendo se transformar em instrumento de aprendizagem e possibilidade de discussão da História” (2012, p. 61).

De acordo com a autora:

Percebemos a música desde muito cedo em nosso cotidiano, desde a infância. A música é utilizada não somente para embalar o sono das crianças, mas também faz parte de várias brincadeiras, está presente em diversos rituais religiosos, além de ser um elemento que mobiliza nossa memória e sentimentos (OLIVEIRA, 2012, p. 61).

Além da música, podemos apresentar uma miríade de linguagens para ensinar os conteúdos da disciplina História. Hoje a exibição de “filmes históricos”, artes gráficas, curta metragens, *tokusatsu* (filmes e seriados de heróis japoneses), *mangás* (gibis japoneses), *animes* (desenhos animados japoneses), *spoilers* (significa um *estraga prazeres* que revela o conteúdo de filmes e livros), documentários e videoclipes são cada vez mais estimulados nos projetos políticos pedagógicos a serem implementados nas escolas.

Neste texto e em outros escritos, o *hip hop* é visto, tratado como uma cultura hereditária da diáspora africana, elemento representante da presença negra em Manaus e como uma temática atual e promissora. Observações que se orientam em estudos já consagrados.<sup>2</sup>

Seguindo estes conselhos e boas práticas, aqui trabalharemos apenas com videoclipes para justamente colaborar com o conhecimento musical sobre este estilo de música que toca nas rádios comerciais (principalmente a música *rap* norte-americana) ou comunitárias e nas casas de *shows* espalhadas pelo Brasil.

Os aplicativos, principalmente para telefones celulares também são de imensa contribuição para a prática didática neste estudo em tela. As tecnologias dos *smarthphones* com memória e câmeras fotográficas cada vez mais avançadas e que estão disponíveis nas mãos de grande parte da

<sup>2</sup> GILROY, P. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2. Edição), p. 90.

juventude brasileira (em maior ou menor grau, dependendo do poder aquisitivo do discente ou de sua família), torna-se um instrumento nos processos de ensino e aprendizagem dentro e fora do espaço escolar.

O leitor ou leitora para terem acesso as informações audiovisuais deste estudo, devem “baixar” (*download*) de forma gratuita o aplicativo de leitura ou *scanner* de *Qr Code* (*Quick Response Code*) na rede de computadores mundiais. Assim, passando a tela do celular equipado com câmera fotográfica pela imagem bidimensional é só aguardar ser direcionado para a plataforma do *YouTube*, onde encontramos os registros musicais em vídeo aqui apresentados.

## 2 A TECNOLOGIA ESTÁ A NOSSO FAVOR!

Alguns trabalhos estão dando resultados positivos neste campo de utilização de tecnologias na defesa e manutenção de direitos humanos, direitos musicais, História e preservação ambiental.

No artigo chamado “Direitos indígenas: territórios e comunicação”, a jornalista e antropóloga Thais Brito (2014) relata que:

O acesso à tecnologia de comunicação e a ampliação do acesso as mídias, os olhares indígenas passam, também, em alguma medida, a produzir sentidos próprios na contemporaneidade. Etnojornalistas e cineastas indígenas realizam filmes, produzem conteúdo na internet, rádio e televisão, comunicando-se com outras sociedades e dando aos dispositivos a função de comunicação dentro de uma aldeia e entre aldeias. Comunicação que também contribui para a memória, ao tempo em que reafirmam o lugar central da oralidade nessas sociedades.<sup>3</sup>

Nesta série de três artigos, Brito (2014) alerta que:

A defesa do princípio de que a comunicação é um direito humano implica na luta para garantir que todos e todas tenham não apenas a liberdade de expressão, mas também o acesso aos meios de produção e veiculação de informação e às condições técnicas e materiais para se comunicar. Há, ainda, um longo caminho a percorrer para que o direito humano à comunicação seja apropriado e exercido pelo conjunto da sociedade. Uma sociedade diversa, em que os distintos grupos possuem acesso em graus diferenciados aos meios.<sup>4</sup>

Outra experiência muito produtiva que leva em conta a diversidade musical das comunidades indígenas do norte do Amazonas e do estado de Roraima está em uma coletânea de composições

<sup>3</sup> BRITO, Thais. Direitos indígenas: territórios e comunicação. Carta Capital, 2014. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/direitos-indigenas-territorios-e-comunicacao-532.html>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.

<sup>4</sup> Ibidem.

das etnias *Baniwa*, *Wapichana*, *Macuxi* e *Tuarepang*, que resultou no projeto intitulado *A Música das Cachoeiras: do Alto Rio Negro ao Monte Roraima*.<sup>5</sup>

No campo do audiovisual indígena existe o projeto precursor *Vídeo nas Aldeias* além de registrar parte da cultura e dos saberes étnicos, ainda disponibiliza um rico material para ser utilizado como instrumentos pedagógicos em sala de aula.<sup>6</sup>

A série documental dividida em treze episódios chamada *Índio Presente* mostra o cotidiano e posições de estudiosos e lideranças de comunidades, etnias e nações indígenas com o intuito de desconstruir versões estereotipadas destas culturas. Esta produção está disponível em vários canais abertos e fechados foi lançada em 2017.<sup>7</sup>

As comunidades da região do Ribeira, interior do estado de São Paulo utilizaram o financiamento do Programa de Promoção de Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (PPIGRE) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e com o apoio do Instituto Socioambiental (ISA) e utilizaram a via tecnológica para garantir a manutenção de seus direitos assegurados por uma legislação e defender sua cultura africana remanescente.<sup>8</sup>

Para os docentes e discentes existe uma gama de materiais sobre História da África importante. Um grande suporte teórico para ser utilizado em sala de aula chamado *A Cor da Cultura*.<sup>9</sup>

Já no campo da música o avanço é bem mais expressivo e consolidado. Temos experiências inovadoras que segundo os executivos de grandes gravadoras foi a causa desregulamentada que se abateu negativamente sobre a indústria fonográfica, o ato de baixar áudios e vídeos da *Internet* através de programas e aplicativos. Artistas do quilate dos rappers norte-americanos *Beastie Boys* ao ícone do rock internacional David Byrne e do ex-ministro da cultura Gilberto Gil levantaram esta bandeira, disponibilizando *singles* e/ou álbuns inteiros e ainda inéditos ou já consagrados.

Como ilustração temos o *Escriba Café* que expõe conteúdo históricos, viajando por temas da Idade Média, Mitologia grega, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a Reforma Protestante, Revolução Francesa e inúmeros outros<sup>10</sup>. As inovações destes programas estão na sua modalidade diferenciadas de apresentação. Utilizam o *podcast* (programa de rádio com conteúdo em áudio e

<sup>5</sup> Para ouvir a obra fonográfica há um belíssimo volume impresso de informações, fotos, além de um CD com 19 faixas, coordenado por Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto (2013). O conteúdo musical está disponível em <https://soundcloud.com/musicadascachoeiras>. Acesso em 28 de agosto de 2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.videodasaldeias.org.br/2009/>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Jd4TgSrlgY>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.quilombodoribeira.gov.br/vale-do-ribeira>. Acesso em 26 de julho de 2018.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.acordacultura.org.br/>. Acesso em: 22 de maio de 2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://escribacafe.com>. Acesso em: 30 de julho de 2018.

vídeo) que transmite informações com narração e sonorizado com efeitos que contribuem e constroem as descrições tornando-as mais atrativas.

Os pesquisadores e pesquisadoras da área de História não devem mais deixar de perceber estas inovações. Para o estudioso Marcos Napolitano (2008):

A rede mundial de computadores representa grande apoio a historiadores, sobretudo àqueles que não têm acesso às grandes instituições de coleta e preservação dos acervos audiovisuais. A internet, no entanto, é mais um depósito de informações, um grande arquivo virtual de referência, do que um arquivo material de fontes primárias. O pesquisador iniciante deve ter muito cuidado com a pesquisa na internet, pois muitos websites não citam referências ou atestam a origem dos documentos transcritos (NAPOLITANO, 2008, p. 264-265).

Os conselhos se avolumam. Segundo Napolitano (2008):

O melhor material informativo disponível na internet é sobre as fontes fonográficas. Os websites de artistas específicos, brasileiros ou estrangeiros, os websites de referência em música, popular ou erudita, e os arquivos MP3 e similares, que disponibilizam canções pela rede, fornecem uma enorme quantidade de informações (NAPOLITANO, 2008, p. 265).

Compreendemos que, há uma grande parcela de nossos pares historiadores que não fazem uso de diversos tipos de materiais como fonte, pois nosso treinamento e *métier* nos enclausura e talvez, nos deixe mais à vontade com documentos escritos. Esta é uma das explicações da causa de profissionais da área de história não sejam tão afeitos a lançar mão e esforço intelectual sobre os chamados materiais visuais.

Na prática cotidiana da escola, o profissional de História, segundo Ivan Gaskell (1992) utiliza “as imagens apenas de maneira ilustrativa, sob os aspectos que podem parecer ingênuos, corriqueiros ou ignorantes a pessoas profissionalmente ligadas à problemática visual” (p. 237). É claro que neste turbilhão de informações nem tudo está terminantemente perdido, para Gaskell “alguns historiadores têm proporcionado valiosas à nossa visão de passado – e do local em que ele está inserido o material visual – usando as imagens de uma forma sofisticada e especificamente histórica” (1992, p. 237).

Ricardo Pimenta (2017) denomina o profissional de História deste período corrente, um historiador digital, tamanha a envergadura dos novos desafios que se apresentam. Para Pimenta:

O historiador digital precisa, portanto, exercitar toda sua capacidade transdisciplinar no sentido de construir para si competências em informação capazes de auxiliá-lo no processo de produção do conhecimento que, de maneira transversal, tem sido intermediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) (PIMENTA, 2017, p.10).

Já Daniel Pereira (2017) alerta para estas “novas” linguagens, “novas” dimensões e “novas” vozes a serem observadas e propõe:

(...) que o historiador contribua na constituição da complexidade de uma consciência histórica também em espaços em que a tradição disciplinar não se impõe, e que isto é um avanço nas dimensões política e social da história; e que, ainda, mesmo acompanhado de uma multiplicidade de percepções e caracteres, ele se apresenta inevitavelmente como o portador desta tradição (PEREIRA, 2017, p. 70).

### 3 SEGUINDO OS RASTROS DA MÚSICA RAP MANAUARA

A cultura *hip hop* surge no início da década de 1970 em cidades norte-americanas como New York e Los Angeles. O *hip hop* é formado por quatro elementos (*rap*, *breakdance*, *deejay* e *grafitti*)<sup>11</sup>. A palavra *rap* é formada pelas siglas *rythm and poetry* (ritmo e poesia em uma tradução livre da língua inglesa).

A cultura *hip hop* é um fenômeno mundial e está presente na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Em escritos contemporâneos denominamos a cultura *hip hop* como uma Hidra Urbana. Cada elemento do *hip hop* é representado por uma cabeça deste monstro mitológico. Durante a refrega de Hércules contra a Hidra dos pântanos de Lerna, o semideus cortava uma cabeça da criatura e brevemente, crescia outra, mais peçonhenta e violenta do que antes. O *hip hop* apresenta esta capacidade de renovação e que se reconstrói sempre onde está inserido.<sup>12</sup>

Por isso, retornaremos aos principais e pioneiros nomes da música *rap* mundial, brasileiro e na cidade de Manaus. Os vídeos seguem uma certa cronologia, mas as escolhas foram debatidas (até um certo consenso), com a intenção de ilustrar didaticamente o desenvolvimento da música *rap*.

<sup>11</sup> MARTINS, R. *Hip Hop: o estilo que ninguém segura*. Santo André – SP: Prima Linea ESTec Editores Associados, 2005, p. 17.

<sup>12</sup> AGUIAR, S. B. de. Quatro cabeças de uma Hidra Urbana e um Bumerangue Africano na cultura Hip hop na cidade de Manaus. 2017-2018. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia (DEPPA) do IFAM - CMZL (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - Campus Manaus/Zona Leste), Manaus, 2017-2018, AGUIAR, S. B. de. Hip hop de leste a oeste de Manaus: quatro cabeças de uma Hidra Urbana e um Bumerangue Africano In: Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da ANPUH-RIO: História e Parcerias, 2018, Niterói -RJ. Anais do Encontro Internacional XVIII Encontro de História da ANPUH - RIO: História e Parcerias. Niterói - Rio de Janeiro: ANPUH - RIO, 2018. Disponível em: [https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1520986356\\_ARQUIVO\\_HISTORIAORAL.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1520986356_ARQUIVO_HISTORIAORAL.pdf). AGUIAR, S. B. de. Hip hop de leste a oeste de Manaus: quatro cabeças de uma Hidra Urbana e um Bumerangue Africano. In Anais do X Encontro regional Norte de História Oral: (Des)colonialidades, Memórias e linguagens na Amazônia. Universidade Federal do Amazona (UFAM), Manaus/Amazonas, 2017. Disponível em: [http://www.norte2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1511971896\\_ARQUIVO\\_HISTORIAORAL.pdf](http://www.norte2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1511971896_ARQUIVO_HISTORIAORAL.pdf). e AGUIAR, S. B. de. *Hip hop* de leste a oeste de Manaus: quatro cabeças de uma Hidra Urbana. O fim do silêncio: presença negra na Amazônia/Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

O primeiro *hit* que levou a música *rap* para os quatro cantos do planeta foi a música *Rapper's Delight* do grupo *Sugarhill Gang*<sup>13</sup>. O ano era 1970 e o movimento da *Disco Music* (ou movimento das discotecas) ainda estava no auge das paradas de sucessos das mais tocadas nas estações de rádio e canais televisivos.<sup>14</sup>



Para muitos estudiosos da música negra no Brasil, uma das primeiras coletâneas de registro fonográfico, essencialmente de música *rap* é *Cultura de Rua Vol. 1* de 1988, um trabalho da gravadora Eldorado de São Paulo<sup>15</sup>. Hoje um disco clássico, sempre revisitado e disputado por colecionadores. Aqui temos na primeira faixa o sucesso *Corpo Fechado* de Thaíde & Dj Hum, verdadeiros ícones do *hip hop* nacional.<sup>16</sup>



---

<sup>13</sup> Podemos citar VIANNA, H. O mundo funk carioca. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 22 e PESSOA, S. Funk: a música que bate. Manaus: Coletivo Gens da Selva/Editora Valer, 200, p. 125.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://youtu.be/mcCK99wHrk0>.

<sup>15</sup> KASEONE; DIAS, R. Hip hop: cultura de rua. – São Paulo: HHB Studio & Posse Sua atitude. Prefeitura de São Paulo, 2015, p. 99 e PIMENTEL, S. O livro vermelho do hip hop. Monografia de conclusão do curso de jornalismo. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1997.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://youtu.be/IBy7htKtXmk>.

Os Racionais MC's são de longe a banda mais difundida em terras tupiniquins e que colecionam diversos sucessos como *Pânico na Zona sul*, *Homem na Estrada* e *Diário de um Detento*<sup>17</sup>. As músicas aqui apresentadas foram trabalhadas no disco *Holocausto Urbano* de 1990 e que abriu as portas do reconhecimento para o grupo formado nas periferias paulistanas.<sup>18</sup>



Genivaldo Oliveira Gonçalves é o verdadeiro nome do *rapper* (cantor de música *rap*) e escritor brasileiro Gog. Nascido na cidade satélite de Sobradinho está no *rap* desde o início dos anos 1990 e vem gravando verdadeiras “pérolas” da discografia negra brasileira. Gog é um dos maiores poetas da música *rap*, sua inteligência e sensibilidade faz que suas letras sejam permeadas de positividade, principalmente para a juventude. Gog já esteve em solo manauara diversas vezes e seu último show aconteceu no CDCC (Conselho de Desenvolvimento Comunitário do Coroadó) neste mesmo bairro, na zona leste. Aqui apresentamos a música *Dia a dia da periferia* gravada em 1994. Trata-se de um hino do *rap* nacional.<sup>19</sup>



---

<sup>17</sup> FÉLIX, J. B. de J. *Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes black paulistanos*. 2000. 202 f. Dissertação de Mestrado – Antropologia Social – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000. P. 76. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08072010-135922/pt-br.php>. Acesso em: 28 agosto de 2018.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://youtu.be/S7ZWxkaeFE>.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://youtu.be/RiNJwEFWoPo>.

**4 CONTRIBUIÇÕES AMAZÔNICAS PARA A CULTURA HIP HOP**

Já no cenário amazônico, em especial amazonense, com uma proposta muito avançada para a época, surgiu o grupo Cabanos na cena *rap* manauara. Homenageando o movimento da Cabanagem ocorrido na região da Amazônia durante o período colonial no século XVIII.

Estes cinco jovens trouxeram um novo patamar de qualidade nas letras e na produção de seu primeiro disco por conta do toque profissional do Dj Marcos Tubarão. Inclusive com a importante participação da cantora amazonense Márcia Siqueira na faixa *Pensamentos malditos*. Para ilustrar este trabalho apresento a música que dá nome ao disco, confirmam *A ideia não morre* do ano 2000.<sup>20</sup>



Outra dupla que também contribuiu para essa regionalização do *rap* em nossa cidade, trata-se de Jander Manauara & Deejay Carapanã.

Este clipe musical tem como locação a região da Manaus Moderna que fica na orla da cidade e é banhada pelas águas do Rio Negro. Com uma crítica mordaz aos comportamentos de não aceitação da identidade cabocla e indígena, chega a ser burlesco as situações relatadas pelo *rapper*, mostrando um domínio da ironia que dá um tempero especial. Neste videoclipe as cenas do cotidiano amazônico prevalecem, desde o processo de “ticar” o peixe ao sono na rede depois do almoço. Aqui postamos o vídeo *Bucho do bicho*.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://youtu.be/L9Bqwj6kzrk>.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://youtu.be/0d7wBbdNwr8>.



Igor Muniz é um dos *rapper's* mais respeitados na cena manauara. Este respeito está baseado por sua trajetória de quase vinte anos de caminhada pelo *hip hop* e principalmente pela qualidade de suas letras e de suas batidas. Neste trabalho apresento Igor Muniz com a participação de Ian Lecter do grupo Arkaica, aqui temos a música *A Cura* de 2016<sup>22</sup>.



Como última obra divulgamos o vídeo clipe *O Monstro que chamam de Norte*, idealizada e construída por Matheus Jay representando a região Norte do Brasil na cena da música rap. Com a participação e composição de Matheus Jay, Gordon (Arkaica), TicoOri (Treze69), Igor Muniz, S Preto (Cabanos). Um dos trabalhos mais recentes que une os melhores e mais conceituados *rapper's* de Manaus.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://youtu.be/i36dXH21Arg>.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://youtu.be/VMyEUwnt0aQ>.



## 5 À GUIZA DE CONCLUSÃO

A criatividade sempre será uma grande aliada para os docentes em sala de aula. Manter a atenção do público jovem que lidamos diariamente é um grande desafio constantemente que cobra dos envolvidos com a educação escolar novas metodologias ou estratégias. O desafio de fazer uso de novas tecnologias e tornar a aula mais atrativa está posto como realidade.

A música *rap* na cidade de Manaus utiliza estas ferramentas da *Internet* para divulgar seus eventos e mostrar seus trabalhos para um público ainda maior. Os vídeos nas redes sociais e plataformas digitais demonstram a qualidade da música *rap* manauara e como podem ser utilizados para discutir o racismo e o preconceito racial, a História do povo negro e do próprio país que habitamos.

Fechamos este pequeno debate deixando claro, que aqui apresentamos apenas alguns apontamentos sobre esta manifestação cultural das periferias do Brasil e da nossa cidade.

**REFERÊNCIAS**

AGUIAR, S. B. de. Quatro cabeças de uma Hidra Urbana e um Bumerangue Africano na cultura Hip hop na cidade de Manaus. 2017-2018. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia (DEPPA) do IFAM - CMZL (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - Campus Manaus/Zona Leste), Manaus, 2017-2018.

----- Hip hop de leste a oeste de Manaus: quatro cabeças de uma Hidra Urbana e um Bumerangue Africano In: Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da ANPUH-RIO: História e Parcerias, 2018, Niterói - RJ.

Anais do Encontro Internacional XVIII Encontro de História da ANPUH - RIO: História e Parcerias. Niterói - Rio de Janeiro: ANPUH - RIO, 2018.

----- Hip hop de leste a oeste de Manaus: quatro cabeças de uma Hidra Urbana e um Bumerangue Africano. In Anais do X Encontro regional Norte de História Oral: (Des)colonialidades, Memórias e linguagens na Amazônia. Universidade Federal do Amazona (UFAM), Manaus/Amazonas, 2017.

----- Hip hop de leste a oeste de Manaus: quatro cabeças de uma Hidra Urbana. O fim do silêncio: presença negra na Amazônia/Patricia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açai; CNPq, 2011.

CARDOSO, C. F. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia / Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (Orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FÉLIX, J. B. de J. Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes black paulistanos. 2000. 202 f. Dissertação de Mestrado – Antropologia Social – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

GASKELL, I. História das Imagens. In. BURKE, Peter (org.). A escrita da história. São Paulo: Edunesp, 1992.

MARTINS, R. Hip Hop: o estilo que ninguém segura. Santo André – SP: Prima Linea ESTec Editores Associados, 2005.

KASEONE; DIAS, R. Hip hop: cultura de rua. – São Paulo: HHB Studio & Posse Suatitudo. Prefeitura de São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, R. S. de. História / Regina Soares de Oliveira, Vanusia Lopes de Almeida, Vitória Azevedo da Fonseca; Márcio Roberto de Oliveira Cano, Coordenador. – São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção a reflexão e a prática de ensino; 6).

PEREIRA, D. C. O conhecimento histórico sob a perspectiva da didática da história pública. Revista Transversos. “Dossiê: As NTICs e a escrita da história no tempo presente”. Rio de Janeiro, nº. 11, pp.63-80, Ano 04. dez. 2017. Disponível em: ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.31582

PESSOA, S. Funk: a música que bate. Manaus: Coletivo Gens da Selva/Editora valer, 2000.

PINSKY, C. B. (Org.). Fontes históricas. - 2.ed., 1ª Reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.

PIMENTA, R. M. Nosso futuro em um post, cultura da velocidade, big data e a novo desafio dos “peixes” para os historiadores da era digital. Revista Transversos. “Dossiê: As NTICs e a escrita da história no tempo presente”. Rio de Janeiro, nº. 11, pp.09-22, Ano 04. dez. 2017. Disponível em: ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.31510.

PIMENTEL, S. O livro vermelho do hip hop. Monografia de conclusão do curso de jornalismo. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1997.

VASCONCELOS NETO, A. C. de. A música das cachoeiras. Manaus: FUA, 2013.

VIANNA, H. O mundo funk carioca. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

#### Sites Consultados

<https://www.dominiopublico.gov.br>      <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/direitos-indigenas-territorios-e-comunicacao-532.html>  
[soundcloud.com/musicadascachoeiras](https://soundcloud.com/musicadascachoeiras)  
<https://www.videodasaldeias.org.br/2009/>  
<https://www.youtube.com/watch?v=5Jd4TgSrlgY>  
<https://www.quilombodoribeira.gov.br/vale-do-ribeira>  
[https://www.acordacultura.org.br/-](https://www.acordacultura.org.br/)  
<https://escribacafe.com>  
<https://youtu.be/mcCK99wHrk0>  
<https://youtu.be/lBy7htKtXmk>  
<https://youtu.be/S7ZWxkaaeFE>  
<https://youtu.be/RiNJwEFWoPo>  
<https://youtu.be/L9Bqwj6kzrk>  
<https://youtu.be/0d7wBbdNwr8>  
<https://youtu.be/i36dXH21Arg>  
<https://youtu.be/VMYEUwnt0aQ>